



História do cerco de Lisboa e As duas sombras do rio: dois protagonistas em busca de uma História

SUSANA RAMOS VENTURA

Núcleo de Estudos Ibéricos da UNIFESP (FAPESP)



Resumo: Este ensaio trata das relações entre História e Literatura nos romances *História do cerco de Lisboa*, do escritor português José Saramago, e *As duas sombras do rio*, do autor moçambicano João Paulo Borges Coelho. O diálogo estabelecido parte das relações singulares que os dois personagens, Raimundo Silva e Leônidas Ntsato, respectivamente, têm com a História.

Palavras-chave: História; Literatura; José Saramago; João Paulo Borges Coelho

Abstract: This essay aims to explore the relationship between History and Literature in the novels *História do cerco de Lisboa*, by the Portuguese writer José Saramago, and *As duas sombras do rio*, by the Mozambican author João Paulo Borges Coelho. The dialogue will be established from the special relationship that the two characters, Raimundo and Leonidas Ntsato, have with the History.

Keywords: History; Literature; José Saramago; João Paulo Borges Coelho

Propomos neste ensaio – que é parte da pesquisa “Histórias em diálogo”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo FAPESP – um percurso pelos romances *História do Cerco de Lisboa* (1989), do escritor português José Saramago e *As Duas Sombras do Rio* (2003), do escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho, obras em que as relações entre a História e a Literatura estão muito presentes.

José Saramago é um autor que praticamente dispensa apresentações. A notoriedade mundial conferida ao escritor ganhador, entre outros, dos Prêmios Camões e Nobel de Literatura, tornou sua biografia, obra e posicionamento social divulgados amplamente. João Paulo Borges Coelho historiador e autor moçambicano, que começou a publicar ficção em 2003 com o romance *As duas sombras do rio*, ainda requer uma apresentação. Após esse primeiro romance de recepção muito discreta, nos poucos anos subsequentes até 2010 veríamos uma sequência abundante de obras do autor sendo levadas ao prelo: os dois volumes de contos *Setentrião* e *Meridião* (2005), os romances *As visitas do Doutor Valdez* (2004) e *Crónica da rua 513.2* (2006), a novela satírica *Hinyambaan* (2007), e ainda dois romances: *Campo de trânsito* (2007) e *O olho de Hertzog*, este último com lançamento previsto para o mês de março

de 2010. A abundância da produção – em que a qualidade estética é marcante – chama a atenção, delineando um autor moçambicano particular. Nascido na cidade do Porto em 1955, o escritor adquiriu a nacionalidade moçambicana após a independência do país em 1975. Moçambicano de formação marcadamente europeia – que fica evidenciada por suas escolhas literárias –, escreve em português padrão conseguindo, no entanto, lidar de maneira inovadora com a particularidade da realidade moçambicana. À discreta recepção crítica ao primeiro romance seguiu-se uma acolhida mais calorosa ao segundo – talvez sua obra mais bem sucedida até o momento – e a conquista de um público leitor que passou a acompanhar sua obra.

Nos dois romances escolhidos para nossa reflexão – *História do cerco de Lisboa*, de Saramago e *As duas sombras do rio*, de Borges Coelho – chama-nos a atenção a opção por dois protagonistas – Raimundo Silva no romance português e Leônidas Ntsato no romance moçambicano – cujas relações com a História são bastante particulares.

Raimundo Silva, revisor de livros para uma editora de Lisboa, ali vive na década de 1980 uma existência pacata e monótona de solteirão. No início da narrativa, Raimundo

revisa uma ‘História do cerco de Lisboa’, livro de autoria de um historiador e que se pretende um ensaio histórico sobre o episódio declarado no título. Há poucas páginas do início da narrativa ocorre um colapso na vida do revisor, causado por uma atitude intempestiva: a interposição de um “não” numa sentença que afirmava que os cruzados, de passagem por Lisboa rumo a Jerusalém, haviam ajudado os portugueses no cerco aos “mouros”. Ao optar por alterar com um “não” o significado da afirmativa, o revisor acaba por modificar uma verdade histórica: a de que os cruzados no século XII ajudaram efetivamente os portugueses a expulsar os mouros da cidade de Lisboa. O deliberado ato do revisor dá origem ao mencionado erro que, descoberto dias depois, alterará os rumos de sua existência. A esperada punição reverte-se numa abertura de possibilidades para Raimundo Silva, que começa um relacionamento com uma superior hierárquica e a escrita de um relato ficcional sobre o episódio do cerco. Neste romance, vemo-nos diante de três níveis textuais: a narrativa de José Saramago, o livro do historiador e um relato ficcional elaborado pelo protagonista Raimundo Silva com personagens e efabulação independentes dentro da obra, numa estrutura que, por vezes, espelha o que está se passando com o revisor que escreve o relato ficcional.

Leónidas Ntsato, protagonista de *As duas sombras do rio*, é um humilde pescador que vive no Norte de Moçambique, região do Zumbo, na década de 1980. Vive da pesca, é socialmente considerado bom em seu ofício e um homem de família. A primeira particularidade do romance é o fato da narrativa ser antecedida por um mapa da região norte de Moçambique e da porção territorial de dois outros países que fazem fronteira pelo norte: a Zâmbia e o Zimbábue. No decorrer da narrativa o leitor perceberá a utilidade do mapa, instrumento eficiente para discernir vários dos conflitos apresentados e para compreender a fala de uma das personagens – um militar do Zimbábue – sobre a situação vivida naquela região:

Somos três países vivendo juntos, quase como irmãos: a sua Zâmbia aqui, Moçambique mais para leste, do outro lado do rio Aruângua, e o meu Zimbábue para o sul, do outro lado do rio Zambeze. Isso significa, como sabe, que o que se passa num deles interessa sempre aos restantes como sempre acontece entre vizinhos e irmãos.

No primeiro capítulo o leitor tem contato com o protagonista que, numa ilha fluvial do rio Zambeze, entre duas margens de território moçambicano, desperta de uma espécie de desmaio, cujos resultados alterarão os rumos tanto de sua vida e quanto daquela de sua família (talvez de sua sociedade, insinua por vezes o narrador). O protagonismo de Ntsato como que desliza para uma série de outras personagens durante a narrativa – talvez devido à condição particular que o toma: a de alienado mental a partir do episódio que dá início ao romance.

Enquanto Raimundo Silva guarda o posto de protagonista, mesmo quando as personagens que cria ou recria a partir de personalidades da História de Portugal assumem por vezes o primeiro plano da narrativa, Leónidas Ntsato perde o lugar de protagonista, que vai sendo assumido paulatinamente por um vasto elenco de personagens. No entanto, a lembrança e presença fantasmática de Ntsato, bem como os comentários do narrador e de diversas personagens a seu respeito pontuam e conduzem a narrativa até o seu final, numa intermitência que lembra o estado de saúde que domina o pescador.

Tanto Raimundo Silva quanto Leónidas Ntsato são homens médios, representantes de um possível indivíduo “comum” de uma cidade como Lisboa e de uma comunidade de pescadores no norte de Moçambique em meados da década de 1980. Em *História do cerco de Lisboa* Raimundo Silva revisitará aquele episódio da História de Portugal – primeiro por obrigação profissional e, a partir de sua escolha pela transgressão, para uma reflexão sobre a História de maneira a construir ficcionalmente uma alternativa à História oficial. *História do Cerco de Lisboa* é um livro em que o erótico e o político se imbricam, uma vez que é atravessado pela circunstância do cerco à antiga cidade “moura ser acompanhado lance a lance ao cerco amoroso que se estabelece entre o revisor e a doutora Maria Sara. Em *As Duas Sombras do Rio*, Leónidas Ntsato desperta na ilha de Cacessemo – em meio às duas margens do rio Zambeze, em frente ao Zumbo, na margem norte e a Bawa, na margem sul. O pescador tenta, a partir de então, compreender a realidade pessoal e social deste momento em que é tensionado por forças internas desconhecidas que não conseguem ser identificadas e tratadas com eficácia nem pela precária medicina ocidental praticada no Posto Médico local por uma enfermeira, nem pelo curandeiro (“nganga”) que domina a medicina tradicional. A relação do pescador com a História é a da ligação que tenta estabelecer com a realidade a partir de um mundo interior em mudança – revelando desajustes psíquicos – e com o cotidiano em ebulição da década em que vive, onde os conflitos civis começam a se acirrar, indo desembocar na chegada ao norte da terrível guerra civil, que havia eclodido em 1975 e que duraria até 1992.¹

Raimundo Silva em diálogo com a História de Portugal do século XII

Nossa hipótese para o estreito diálogo com a História refletido pela construção desta ficção de “gestos históricos”

¹ Para um leitor de literatura brasileira, de início surge o paralelo com o conto *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa, e após a leitura do romance moçambicano muitos diálogos entre as obras se evidenciam e mostram um profícuo terreno de investigação.

(para adotar a expressão feliz do professor Manuel Gusmão²) é a do enfrentamento operado pelo autor com a repetição sem revisão de um discurso histórico construído já há longos séculos e que terminou por ficar engessado numa tonalidade laudatória e acrítica. Como expressa a personagem Raimundo Silva ao ler o livro do historiador – livro que tem a obrigação profissional de revisar – e que tematiza uma vez mais a História do cerco de Lisboa no século XII: “Em quatrocentas e trinta e sete páginas não se encontrou um facto novo, uma interpretação polémica, um documento inédito, sequer uma releitura. Apenas mais uma repetição das mil vezes contadas e exaustas histórias do cerco”.³

Vários questionamentos se apresentaram de pronto ao emprendermos nossa leitura: o passado em *História do Cerco de Lisboa* é abordado de maneira laudatória ou questionadora? E, antes disso: que aspectos do “presente” são focalizados com maior ênfase e quais as personagens que o vivem?

As questões referentes ao “presente” parecem bom ponto de partida. O presente da efabulação parece ser algum ponto na década de 1980.⁴ Este “presente” é vivido por um pequeno grupo de personagens ligadas ao mundo editorial na cidade de Lisboa. Como protagonista destaca-se Raimundo Silva, o mencionado revisor de livros. As personagens que o cercam e que, no decorrer da narrativa assumirão papéis de importância variada, são quase todas funcionárias da mesma editora que toma seus serviços de revisão de livros.

O pequeno mundo de Raimundo Silva, homem metódico e de vida regrada – é o que mais de perto se vê: ele vive em Lisboa, muito próximo ao Castelo de São Jorge, na Rua do Milagre de Santo António, bem no local de uma antiga passagem da cerca moura: “no preciso lugar onde antigamente se abria a Porta de Alfófa”.⁵ A vida de Raimundo é das mais cinzentas, pois nela: “a alegria passou, o luto não vale a pena, e a única coisa que verdadeiramente sente próxima de si é a prova que estiver a ler, enquanto dura”. A prova que revisa no início do romance é precisamente a do livro do historiador que se dispõe a contar a História do cerco de Lisboa, e a narrativa começa com o diálogo entre historiador e revisor, em que o último afirma serem os revisores gente sóbria, que já viu muito de literatura e vida.⁶ O envolvimento com o texto do historiador começa, no entanto, a desbordar os limites do trabalho. Raimundo Silva devaneia sobre os habitantes mouros de Lisboa na época do cerco, conferindo vida, colorido e sons ao dia-a-dia imaginado do século XII. O imaginário do passado invade o presente do revisor nas mínimas coisas – ao acordar, durante os dias da revisão, ele busca sonolento por suas “babuchas”,⁷ e a palavra “cristã” para os mesmos objetos – “chinelos”, aparece depois da de origem árabe, quando o revisor parece se dar conta da “intromissão” do árabe também na linguagem

que ele mesmo emprega. Os embates e justaposições entre o presente e o passado serão olhados com mais atenção adiante, mas é importante frisar que vão num crescendo em termos de importância e intensidade, sendo que o entrelaçar de temporalidades termina junto com o romance propriamente dito.

O ato de rebeldia do revisor, que se faz “autor” pelo acrescentar do “não” à narrativa de cunho histórico é premiado com a abertura de possibilidades antes impensáveis ao pacato revisor. Ao ter o deslize descoberto ele trava conhecimento com Maria Sara, executiva da área editorial que se interessa de pronto pelo caso e pelo revisor, sendo importante elemento para a sua mudança de vida. Maria Sara lança a Raimundo o desafio de escrever uma história do cerco de Lisboa que atendesse aos devaneios do revisor e se interessa por ele de maneira amorosa, abrindo-lhe a possibilidade de vivenciar o amor de maneira afetivamente profunda.

Quanto à sociedade portuguesa do período ela aparece tenuemente, com alguns dados apenas, relativos à prestadora de serviços domésticos (mulher-a-dias) que auxilia Raimundo Silva, e pela exploração do estilo de vida modesto que este leva, ademais do tipo de alimentação e dos locais de refeições que ele frequenta.

Quanto ao passado, o discurso do livro do historiador tende ao laudatório e acima de tudo à repetição de discursos construídos no passado que são apenas e tão somente reafirmados. Ao revisar o texto, Raimundo Silva começa por aborrecer-se com anacronismos evidentes – por exemplo com as “naus em caminho das Índias” mencionadas por uma personagem histórica em pleno século XII – mas também com a “falsidade” do discurso do Rei Afonso Henriques aos cruzados, discurso este que o revisor declama enrolado em seu cobertor que se enrola sobre seu corpo à guisa de traje real:

Não, este discurso não é obra de rei principiante, sem excessiva experiência diplomática, aqui tem dedo, mão e cabeça de eclesiástico maior, talvez o próprio bispo do Porto, D. Pedro Pitões, e seguramente o arcebispo de Braga, D. João Peculiar, que juntos e concertados tinham logrado persuadir os cruzados, de passagem no Douro, a virem ao Tejo ajudar à conquista [...] Raimundo Silva, afogueado, deixa cair a manta com teatral ademane, sorri sem alegria, Isto não é discurso em que se acredite, mais parece lance shakespeariano que de bispos arrabaldinos.⁸

² GUSMÃO, 1998, sem número de página.

³ SARAMAGO, 1989, p. 34 e 35.

⁴ A possível datação é confirmada pela lista de periódicos listados, na edição brasileira utilizada, às p. 112 e 113 e da menção ao filme Rambo, idem, p. 165.

⁵ SARAMAGO, 1989, p. 67.

⁶ SARAMAGO, 1989, p. 31.

⁷ SARAMAGO, 1989, p. 40 e 41.

⁸ SARAMAGO, 1989, p. 12.

Raimundo empreende então – e a partir do devaneio que o faz imaginar ainda durante a revisão as cenas do almudem chamando os habitantes da Lisboa ainda sob cerco a um novo dia – uma aproximação ao passado que, se começa involuntariamente, ganha terreno em sua existência terminando por transformá-la. A revisitação de um passado histórico pela tentativa de uma escrita que começa por se desejar historiográfica e se torna inevitavelmente ficcional conduz a personagem a um novo presente, mais pleno existencialmente. O convite-desafio lançado por Maria Sara abre as comportas de um arquivo pessoal de Raimundo Silva, arquivo que aparece de pronto e se manifesta. Uma vez mais vemos na ficção de Saramago um homem absolutamente comum, imerso num cotidiano medíocre e acachapante que encontra saída a partir de uma transgressão, transgressão essa ligada diretamente a uma figura feminina, que passa a ser uma presença condutora na caminhada rumo a uma vida mais verdadeira e intensa.

Leónidas Ntsato em diálogo com a História de Moçambique da segunda metade do século XX

Leónidas Ntsato é um pescador habilidoso. Num “flash back” empreendido no capítulo 4, sua história passada é contada pelo narrador. Trabalhador ativo e caprichoso, homem de decisões firmes, Leónidas Ntsato parecia integrado de maneira muito feliz no cotidiano do Bairro Lusaka, no Zumbo. Escolhera a esposa, negociara o casamento, tivera filhos saudáveis, era dono de um belo barco construído e decorado por suas próprias mãos, tinha uma casa caprichosamente mantida. Num dia em que saiu para pescar aconteceu-lhe algo nunca elucidado, tendo sido encontrado dias depois, semi-desperto e aparentemente alienado, na ilha fluvial de Cacessemo, sendo levado de volta à sua casa. O estado do protagonista – alijado abruptamente de seu modo de sentir, pensar e agir – o faz dialogar de maneira particular com a História. Sentindo-se tensionado por forças que não consegue explicar, Leónidas, após algum tempo, procura pelo administrador local, Dionísio Sigaúke, para solicitar um salário, uma vez que se vê impedido de trabalhar por ter sido tomado pelos espíritos que dizem a ele sobre os rumos tomados pelo país. Vejamos como o protagonista se apresenta na sede da Administração: “– Eu sou o Leónidas Ntsato, filho de Benjamin Ntsato e de Sairote. Aquele que acordou em Cacessemo, no meio do rio”.⁹ O verbo “acordar” assume para o protagonista o significado de despertar para realidades que até então não conhecia. Sua versão para o que realmente aconteceu é o de um assédio por espíritos opostos, que gritam dentro dele e retirando-lhe a possibilidade de uma vida comum e de, inclusive, buscar o sustento para si e para sua família. Leónidas afirma ao

administrador que tem muito a dizer sobre os rumos de seu país:

– O problema, camarada administrador, não são os espíritos a chocar uns com os outros. O problema é que não há ninguém para me ouvir, para ouvir o que os espíritos querem dizer. Todos se riem de mim. E no entanto eu tenho muita coisa a dizer sobre o mau caminho para onde Moçambique está a ser levado, um caminho que só traz miséria e desgraça por isso, como não tenho povo que me ouça aqui, descobri que o meu povo é o povo moçambicano inteiro. Assim, como trabalho para todo o povo (como o camarada administrador quando dá ordens e escreve papéis), e como já não consigo pescar nem levar nada para casa, quero que o camarada administrador me dê um salário. Virei cá todos os meses a buscá-lo.¹⁰

O discurso de Leónidas – mal recebido pelo administrador, que o expulsa – mostra a preocupação com os rumos do país, cujo direcionamento e situação tinham presença muito discreta na narrativa até então. Centrava-se a efabulação no acompanhamento do protagonista e será a partir deste enfrentamento ente pescador e administrados que terá início o deslizamento de protagonistas já mencionado. Tomado pela raiva diante da reação do administrador Sigaúke, Leónidas lança um “m’fiti”, uma “terrível profecia”: “– Amanhã é o último dia desta terra e vão chover pedras na Administração! O fogo há-de queimar esses teus papéis!”¹¹

O “amanhã” corresponde à primeira data histórica mencionada na narrativa: 16 de outubro de 1985, data da invasão do Zumbo por um bando não identificado, que provocou o incêndio e o completo arrasamento da comunidade, que empreende fuga desesperada em direção ao rio Zambeze, caudaloso e perigoso ninho de “nhacocos” (crocodilos), onde parte da população encontrará a morte.¹²

Leónidas Ntsato sobreviverá ao ataque e sua perambulação pontuará a narrativa em que se transferirá o protagonismo para uma série de personagens que mostrarão a complexa situação vivida pelo país – e especificamente pela região do Zumbo – naquele período. Ao abordar o ataque e avançar hipóteses para a possível identidade dos invasores, o narrador opera uma revisão histórica que evidencia o passado da região como marcado pela destruição de guerras contínuas movidas pelo desejo de exploração:

Quem será este sanguinário bando? Serão os homens de *Dombo Dombo* que em 1750 veio de Goa à procura

⁹ COELHO, 2003, p.47.

¹⁰ COELHO, 2003, p. 48.

¹¹ COELHO, 2003, p. 49.

¹² Muito grande será a importância do rio no romance em questão e merece, por si só reflexões aprofundadas que estarão em outro ensaio, em elaboração no momento.

de outro e que os calores do clima tresloucaram, transformando-o numa ave de rapina cruel e sanguinária? Serão os homens de *Choutama*, neto do anterior, a quem os portugueses apoiaram concedendo honrarias militares mas que, mau pagador, se virou contra eles endoidecido pelo ódio a Gamitto e pela voracidade com que procurava marfim e escravos para se encher de poder? Serão os homens de *Chissaka*, filho do anterior, que arrasou Massangano para vingar a morte do pai e se divertir a pintar de vermelho-sangue as palhotas do caminho e a espetar em paus as cabeças decepadas de perplexas vítimas para assinalar a passagem [...] O povo vasculha nos compartimentos do tempo em busca de uma resposta para a ignomínia, mas a memória paralisa com o pavor e as explicações confundem-se umas com as outras, amalgamadas por toda aquela violência e pela urgência de respostas.¹³

A partir deste momento, a menção ao passado histórico de Moçambique será intensificada. As ruínas da Missão de S. Pedro Cláver – no presente da efabulação território de contrabandistas que ali escondem as presas dos elefantes que serão vendidas no mercado negro – têm seu passado de exploração, sonho e desvario revelados,¹⁴ bem como merecem relevo um tumulto ocorrido em 1866 e uma guerra empreendida em maio de 1888.¹⁵ O passado recente em relação ao presente da efabulação, representado pela luta de libertação nacional (citada por uma personagem, o comandante Meia-Chuva, que teria ouvido falar na guerra pela primeira vez em 1969) e pelas descrições da chamada “Guerra da Frelimo”, de 1973, também aparecem, colocando o país e mais especificamente a região numa esteira de dor e guerra quase constantes. Como afirma o narrador: “Repete-se a encenação, o rio impetuoso e intrincado da história desta terra procurando sempre desaguar em tragédia”.¹⁶

Com a volta da população ao Zumbo quatro anos depois do ataque de outubro de 1985, temos o retorno de Leónidas Ntsato como protagonista, e nele estão centrados os dois capítulos finais. No penúltimo, de número 42, os dois representantes da religiosidade tradicional, Gomanhundo e Harkiriwa, discutem o “caso” Leónidas e chegam ao limite das explicações. No último capítulo Leónidas situado em uma das margens, observa o barco Estrela-do-Mar encalhado com todos os passageiros na ilha fluvial onde a narrativa começou – a de Cacessemo. Nesta retomada geográfica, o encalhe da embarcação e a própria ilha adquirem matizes míticas e simbólicas na narrativa: a população que, após um terceiro ataque, tenta deixar o Zumbo na embarcação Estrela-do-Mar, vê sua tentativa frustrada pelo inesperado encalhamento do barco. Os passageiros, então, se fixam ali, à espera de tempos melhores:

Cacessemo é segura como uma pausa no meio do incessante movimento. À luz nítida e crua da manhã,

quando as cores nos agridem sem cambiantes nem transições, a ilha parece afundada no Zambeze (em parte, também, pelo excesso de gente que agora a povoa), como se procurasse esconder-se do mundo lá fora. É, nessas alturas, uma linha tênue e rasa à flor da água, camuflada pelas pequenas ondas do rio. Pelo contrário, à luz violácea do fim da tarde, quando as águas baixam e o cacimbo desce sobre as coisas, a ilha parece elevar-se no ar apesar do peso daquela gente toda, ficando a pairar como uma nuvem baixa e estreita que não sai do mesmo lugar (e com ela o Estrela-do-Mar, liberto enfim da gravidade – extraordinária visão!).¹⁷

Recuperado seu protagonismo e invertida a situação do início do romance – em que Leónidas sozinho desperta na ilha – no último capítulo, o pescador, a partir da margem norte do rio Zambeze (do lado do Zumbo), olha a ilha e seus múltiplos e provisórios habitantes. Ergue-se e entra no rio, caminhando em direção à ilha, afogando-se.

A nosso ver, *As duas sombras do rio* – como grande parte dos romances africanos de língua portuguesa publicados a partir da conquista das independências – parece se alinhar a uma tendência de constituir o romance elemento da construção da História. O romance, portanto, visto como forma coadjuvante à da escrita da História em si, colaborando para a construção de discurso histórico, interpretando e contando, muitas vezes pela primeira vez, episódios históricos – sobretudo recentes – colocando-os em perspectiva com o passado colonial.

Dois protagonistas em busca da História

Raimundo Silva e Leónidas Ntsato são dois protagonistas afastados de seu modo habitual de vida. Enquanto Raimundo Silva tem uma trajetória de herói contemporâneo de romance – um ser solitário que atravessa a vida e conta ou tem contada sua “aventura”, Leónidas Ntsato sofre um processo de alienação que o retira de sua vida comum e o torna uma espécie de observador da vida de sua comunidade. Marcado pelo trágico, o destino de Leónidas é a morte, enquanto que o de Raimundo Silva é o da conquista de uma vida mais verdadeira. A busca de ambos – na dimensão privada – é vista pelos narradores numa perspectiva que privilegia os recortes históricos. O professor Davi Arrigucci Jr., numa retomada livre a Walter Benjamin, lembra-nos que o romance “convida o leitor a refletir sobre o sentido de uma vida. Narrativa da era moderna conta a história da travessia solitária de um herói cuja existência pode aquecer com sua chama a alma de um leitor também isolado pelo ato de leitura”.¹⁸

¹³ COELHO, 2003, p. 64 e 65.

¹⁴ COELHO, 2003, p. 87.

¹⁵ COELHO, 2003, p. 105 e 107.

¹⁶ COELHO, 2003, p. 230.

¹⁷ COELHO, 2003, p. 251.

¹⁸ ARRIGUCCI JÚNIOR, 2000, p. 117.

No caso de *História do cerco de Lisboa e As duas sombras do rio*, a reflexão sobre o sentido de uma vida se alarga, porque essa “travessia solitária do herói”, de que poeticamente fala Arrigucci, não aparece nos romances em questão de maneira tão solitária assim, sendo em ambas as obras possível refletir sobre o sentido da travessia de um grupo de seres humanos – ainda que privilegiando um protagonista. Na mencionada travessia, tanto as questões mais íntimas e individuais, quanto aquelas vividas em função da coletividade, podem ser observadas e vivenciadas também pelo leitor em seu isolamento, condição para a leitura nas sociedades contemporâneas. A solidão que também surge como espaço de reflexão dos narradores de Saramago e Borges Coelho num contexto em que a experiência narrada convoca uma multidão de atores que se embatem epicamente por seus ideais – ainda que, por vezes, estritamente privados – numa estreita

relação com os acontecimentos histórico-sociais de seus respectivos países.

Referências

- ARRIGUCCI JÚNIOR, D. O sertão em surdina (Ensaio sobre *O Quinze*). In: *Literatura e Sociedade*, São Paulo: DTLLC-FFLCH-USP, n. 5, p. 108-118, 2000.
- COELHO, J. P. B. *As duas sombras do rio*. Lisboa: Caminho, 2003.
- GUSMÃO, M. Linguagem e História segundo José Saramago. In: Vários. *José Saramago. Uma voz contra o silêncio*. Lisboa: Caminho/ICEP/IPLB, 1998. p. 22- 27.
- SARAMAGO, J. *História do Cerco de Lisboa*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

Recebido: 06 março de 2010
Aprovado: 12 abril de 2010